

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA – CONTURBADOS
ANOS 30 NA AMÉRICA DO NEW DEAL
COM O APOIO DA FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO E A
COLABORAÇÃO ESPECIAL DO DEPARTAMENTO DE CINEMA DO MOMA
26 de outubro de 2023

PROGRAMA: “CALMA NA TEMPESTADE”

WHITE FLOOD / 1940

Um filme de David Wolff (Ben Maddow), Robert Stebbins (Sidney Meyers)

Realização: David Wolff, Robert Stebbins / Argumento e Montagem: Lionel Berman, David Wolff, Robert Stebbins / Produção: Frontier Films / Direção de Fotografia: W. O. Field, Jr., Sherman Pratt (Cenas Suplementares) / Música: Hanns Eisler, Kammer-Symphonie (op. 69) / Narração: David Wolff / Música: Jascha Horentein / Voz: Colfax Sanderson / Sincronização Musical: Harry Robin / Cópia: DCP, a preto e branco, falado (narração) em inglês com legendagem eletrônica em português / Duração: 15 minutos / Estreia Mundial: sem data / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

ADVENTURES OF CHICO / 1938

Um filme de Stacy Woodard, Horace Woodard

Realização, Produção, Direção de Fotografia: Stacy Woodard, Horace Woodard / Música: Dr. Edward Kilenyi / Cópia: DCP, a preto e branco, falado em inglês com legendagem eletrônica em português / Duração: 49 minutos / Estreia Mundial: 25 de fevereiro de 1938, Nova Iorque / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Duração aproximada da projeção: 64 minutos.

Sessão com apresentação.

Aviso: a cópia de **Adventures of Chico** apresenta uma qualidade deficiente de som e de imagem. Por esta razão, apresentamos as nossas desculpas.

Não deixa de ser curioso que a Frontier Films, fundada pela ala radical do movimento do documentário americano no período do New Deal, tenha dado guarida a um projeto como este, uma espécie de sinfonia ambiental (não exatamente “ambientalista”), mais próximo das “sagas do solo” de Pare Lorentz, o dito “realizador de Roosevelt”, e do seu **The Plow That Broke the Plains**, do que dos filmes de uma muito frontal – e, às vezes, agressiva – intervenção política, tais como a *magnum opus* do coletivo da Frontier Films, **Native Land** (1942). Com narração escrita por Ben Maddow (usando o pseudônimo David Wolff) e realização conjunta com Sidney Meyers (sob o pseudônimo Robert Stebbins), **White Flood** é mesmo – como manda o título deste programa – “a calma na tempestade”, espaço meditativo sobre como uma paisagem – as imagens foram capturadas no Alasca – atravessou o tempo, fazendo do gelo o seu elemento predominante.

O tom poético da narração é acompanhado pelo tom geral da narrativa visual e esta, por sua vez, é infundida pela música de Hanns Eisler, no que participa da ideia de que, apesar das distâncias (tanto

ideológicas quanto cinematográficas), a proposta lorentziana ainda tinha algum espaço no seio dos cineastas militantes da Frontier Films. A musicalidade da palavra escrita por Maddow e narrada por Colfax Sanderson, a par da música *erie* de Eisler, participam, em conjunto, nesta espécie de ode ao gelo como “elemento misterioso” que atravessa os tempos, determinando a paisagem natural e o nosso lugar na Terra. É interessante ver hoje um objeto como este, nele encontrando um certo sentimento premonitório em relação à tragédia da terra e do gelo que é a grande crise ambientalista em que vivemos, com o derretimento das calotas polares, relacionado com o, entretanto altamente politizado, fenómeno do aquecimento global.

Passamos do deserto branco do Alasca – recorde-se ainda que foi aí, nesta paisagem gelada, que decorreu a rodagem do primeiro documentário: **Nanook of the North** (1922) de Robert J. Flaherty – para a austeridade da planície seca do México. O protagonista de **Adventures of Chico** é um rapaz e não essa paisagem, apesar dos realizadores em questão serem Stacy e Horace Woodard, dois especialistas em filmes sobre a Natureza, tendo sido distinguidos com o Óscar graças às suas curtas sobre o mundo animal, **City of Wax** (1934) e **Beneath the Sea** (1936). Stacy Woodard, o mais velho dos dois irmãos, foi também um dos diretores de fotografia de **The River** (1938) de Pare Lorentz, o que explica a inclusão deste **Adventures of Chico** num programa dedicado ao New Deal. Mas fundamentalmente é na aliança com a paisagem que os ecos se fazem ouvir. Desta feita, de facto próximo do realismo encantatório de Flaherty, ainda que, sublinhe-se, este filme tenha saído dez anos antes de **Louisiana Story** (1948), obra flahertiana que, segundo José Manuel Costa, resultava numa “narrativa (...) centrada na figura de um miúdo, um rapaz que vivia em comunhão plena com o espaço natural” e, também por ser assim, talvez o filme-irmão mais perfeito de **Adventures of Chico** (ao mesmo tempo, talvez o filme-irmão perfeito seja o bem posterior **Kes** [1969] de Ken Loach...).

Nesses dois filmes, **Louisiana Story** e **Adventures of Chico**, interpretados por não-atores (a história, como se lê nos cartões de abertura, é “contada pelo próprio Chico”) em cenários naturais, a criança, que protagoniza a ação, encontra na Natureza, meio nem sempre amigável, porquanto povoado de ameaças várias (aqui são as hienas, as leões, cobras, até os guaxinins mandriões), um *playground* infinito. Em ambos, a história é ínfima, consubstanciando, acima de tudo, uma compilação de “observações” da Natureza, ou melhor – já em **Nanook** era algo assim –, *interações* com o meio. **Adventures of Chico** é ilustrativo do que André Bazin definia como “lei da montagem interdita”, fazendo da relação com a Natureza foco de diversão e tensão – a sequência culminante, envolvendo uma luta corpo a corpo entre um pequeno pássaro e uma cobra que se prepara para atacar o rapaz, é exemplar desta aliança secreta entre realismo e uma certa ideia de perigo, se não de morte. Mas também da simplicidade, por vezes enternecedora, não só da narrativa como dos meios envolvidos nesta produção: dois “câmaras” e uma criança e esse face-a-face com o mundo animal, amigo ou não tão amigo quanto isso. É notável a clareza da proposta de, usando, desta feita, a fórmula rosselliniana, tão somente seguir uma personagem nas suas indagações e tornando-a “cicerone” de uma dada realidade encontrada, o que atesta a modernidade do gesto dos irmãos Woodard (um gesto que comoveu plateias, quando **Adventures of Chico** foi distribuído em cinemas locais e, posteriormente, se tornou uma presença nos anos iniciais do cinema transmitido na televisão). A amizade estranha, a que alude o subtítulo (“História da Amizade Mais Estranha Alguma Vez Vista”), é, na realidade, resultado deste fascinante e terrível “estar-no-mundo” – ou “entregar-se ao meio” – do pequeno protagonista. Apetece citar **The Night of the Hunter** (1955), filme no espectro oposto, mais próprio de um certo “realismo de estúdio”, mas também sobre a infância como um mundo perdido, repleto de fontes de perigo e de maravilhamento, dizendo: “It’s a hard world for little things.”

Luís Mendonça